



doi 10.7213/psicol.argum.33.081.AO01

Perspectivas parentais sobre a sexualidade de crianças atendidas em clínica-escola de psicologia

Parenting perspectives on sexuality of children attended in a training school in clinical psychology

Lizele Quédina Pereira da Silva[a], Nara Helena Schmitz[b], Marina Menezes[c]

[a] Psicóloga graduada na Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC- Brasil, e-mail: lizele@hotmail.com

[b] Psicóloga graduada na Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC- Brasil, e-mail: nara@automecri.com.br

[c] Doutora em Psicologia - Processos Psicossociais, Saúde e Desenvolvimento Psicológico, professora da Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC- Brasil, e-mail: mamenezes@terra.com.br

Resumo

A sexualidade infantil é um assunto cercado por preconceitos. Os pais, na maioria das vezes, desconhecem a amplitude do tema, relacionando-o com frequência ao ato sexual em si ou ignorando-o por completo, sem perceber as várias manifestações da sexualidade durante a infância. Esta pesquisa objetivou compreender a perspectiva de pais sobre a sexualidade de crianças atendidas em triagem em uma clínica-escola de Psicologia nos anos de 2005 a 2011. A pesquisa foi de cunho quantitativo e documental, desenvolvida a partir da consulta de prontuários de crianças com idades entre 2 a 12 anos. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, utilizando-se frequência simples. Os resultados apontam que os pais/responsáveis percebem as manifestações das curiosidades sexuais infantis, embora não saibam como proceder diante delas, não compreendendo sua importância para o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Desenvolvimento Psicosexual. Infância. Atitudes Sexuais

Abstract

Infantile sexuality is a subject surrounded by prejudice. Parents for the most part unaware of the breadth of the subject often relating it to the sexual act itself or ignoring it altogether without realizing the various ways of manifestations of sexuality during childhood. This research aimed to understand the perspective of parents on the sexuality of children attended in a training school in clinical psychology in the years 2005 to 2011. The survey was a quantitative and documentary, developed from the consultation of medical records of children aged 2 to 12 years. Data were analyzed using descriptive statistics, using simple frequency. The results show that parents / guardians understand the manifestations of infantile sexual curiosity, but not know how to proceed before them, not realizing its importance to child development.

Keywords: *Psychosexual Development. Childhood. Sexual Attitudes*

Introdução

É inegável que os aspectos da sexualidade são essenciais na vida do homem. Os costumes e idéias a respeito da sexualidade infantil variaram muito ao longo do tempo e nas diferentes sociedades. Freud postulou o conceito de que a sexualidade está relacionada a toda busca de prazer com a libido, concebendo-a como fonte de energia vital básica que se manifesta desde o nascimento (Freud, 1905/1997).

Contudo, por razões históricas, a sexualidade infantil foi transformada em um assunto cercado por tabus, vislumbrado com pouca clareza e debatido sem a percepção de sua amplitude (Vitiello & Conceição, 1993). Verifica-se que relacionado ao tema encontra-se o preconceito pertinente ao mesmo, pelo fato de historicamente, a criança ser vista como um indivíduo puro, sem maldade e sem malícia, sendo concebida como um indivíduo assexuado (Advíncula, 2009).

Embora Freud tenha impactado a sociedade Vienense há mais de cem anos atrás, ao revelar a noção de uma infância que se afastava da noção de inocência e felicidade, desvelando uma criança carregada de sentimentos, desejos e conflitos, ainda assim, observa-se nos dias atuais, a dificuldade em aceitar a sexualidade infantil (Zornig, 2008).

Desta forma, a sexualidade referida na teoria Freudiana distanciou-se da visão naturalista que predominou no final do século XIX, haja vista que neste período a concepção sexual estava pautada no modelo de sexualidade adulta. A masturbação infantil e a busca do prazer sexual, ou ainda a impossibilidade do ato sexual eram consideradas condutas perversas ou degeneradas (Zornig, 2008).

Os primórdios da sexualidade humana se manifestam já no ato de amamentar, onde ocorre uma imensa troca de afetos que possibilita que mãe e filho sintam-se mais próximos, e com isso inicia-se uma relação sexual e afetiva. O bebê procura se nutrir não só do leite materno, que é uma necessidade orgânica, mas da relação afetiva que não pode ser reduzida unicamente à satisfação alimentar. O caráter sexual é aqui referido em um sentido amplo, pois, a mãe, ao mesmo tempo em que cuida de seu bebê, erotiza o seu corpo. Esse corpo é erotizado por ser um corpo simbólico, tomado de sentimentos e de promessas, aspectos estes que vão influenciar a criança e dar-lhe um lugar no contexto familiar (Zornig, 2008).

Assim, os cuidados que a mãe destina ao bebê no banho, na amamentação, na troca de olhares, no acalantar e nos carinhos proporcionam prazer e a percepção de estar vivo. Todas essas experiências vão formando inicialmente as vivências sensuais e

auxiliarão no percurso do desenvolvimento da criança, na possibilidade de construir vínculos e também a aprendizagem (Silva, 2007). Além disso, Vitiello e Conceição (1993) referem que estas atividades, por não serem reconhecidas como manifestações precoces da sexualidade, não são reprimidas pelos adultos, pois, a sociedade ignora a prática da sexualidade não genitalizada.

Segundo a teoria Freudiana, o desenvolvimento sexual se dá em fases. A primeira etapa dos estágios psicosssexuais é a Fase Oral. Neste período, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem se diferenciaram correntes opostas em seu interior. Observa-se neste momento o chuchar, no qual a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, renuncia a um objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo (Freud, 1905/1997). Conforme cita Dolto (1971/1988) a fase oral, ou seja, a fase da organização libidinal, se estende desde o nascimento até o desmame e está sob a primazia da zona erógena bucal.

A segunda fase pré-genital é a Fase Anal. Neste estágio, sem destronar completamente a zona erógena bucal, a criança vai conferir maior importância à zona anal. Observa-se o prazer durante o relaxamento espontâneo dos esfíncteres excrementícios (Dolto, 1971/1988). Silva (2007) refere ainda que as vivências dessa fase proporcionam à criança a primeira oportunidade de um controle ativo sobre ela mesma e sobre o mundo que a rodeia.

Na Fase Fálica a criança torna-se mais independente e é natural que ela consiga satisfação com seu corpo, descobrindo sensações agradáveis ao manipular seus órgãos genitais. Brincar com o próprio corpo possibilita a aquisição de conhecimentos sobre si mesmo, como pessoa separada da mãe (Silva, 2007), assim, a masturbação e os jogos sexuais são considerados saudáveis e importantes para o desenvolvimento sexual.

Segundo Freud (1905/1997) no período relativo entre o terceiro e o sexto ano de vida, as crianças descobrem de fato seus órgãos genitais, percebendo as diferenças anatômicas entre menino e menina. Neste período identifica-se o Complexo de Édipo, definido por Freud (1905/1997) como um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente a seus pais, manifestando preferência pelo genitor do sexo oposto e tentando excluir o outro genitor da relação familiar, mesmo reconhecendo que o ama também, e por vezes até sentindo culpa por querer expulsá-lo desta relação.

A Fase da Latência, que sucede o complexo edípico, muda o ponto de vista das manifestações e curiosidades sexuais empregadas na aquisição dos conhecimentos necessários na luta pela vida, em todos os pontos, desligando-se então das partes anatômicas do corpo. Para Freud (1905/1997) o período de latência inicia com o declínio do Complexo de Édipo, que corresponde à consciência da criança de que é impossível realizar seu duplo desejo, amoroso e hostil, em relação aos pais. Portanto, neste período o pai e a mãe se tornam modelos do papel masculino e feminino para filho e filha, respectivamente.

A puberdade, segundo Dolto (1971/1988) proporciona os elementos que faltam para a compreensão do papel recíproco do homem e da mulher na concepção. A escolha de objetos de amor fora da família, através do encontro corporal, emocional e genital entre um casal, demarca o período denominado como a Fase Genital.

A sexualidade também representa uma forma de comunicação entre as pessoas, recebendo influência da educação e das experiências vividas no período da infância e adolescência. Assim, tornam-se relevantes as experiências positivas durante o crescimento, tais como os cuidados e a aceitação do próprio corpo e o relacionamento afetivo com os pais, pois, o ser humano é social por natureza e o processo de relação também ocorre através da sexualidade (Costa, 2006).

O comportamento sexual das crianças depende não só da etapa de desenvolvimento em que se encontram, mas do contexto familiar e social em que vivem. Por esses motivos é pertinente que os pais sejam orientados e informados a fim de que possibilitem aos filhos o entendimento das transformações que vão ou estão ocorrendo em seu corpo, de uma forma natural e sem preconceitos, sendo indispensável que criem uma visão positiva destas etapas da vida, que devem ser bem compreendidas para serem plenamente vivenciadas.

Método

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa quantitativa e documental. A pesquisa foi desenvolvida a partir da consulta de 111 prontuários de crianças com idades entre 2 a 12 anos, que realizaram triagem em uma clínica-escola de Psicologia de uma universidade do sul do Brasil, no período entre 2008 a 2011.

O roteiro das triagens infantis realizadas por acadêmicos de Psicologia durante o estágio curricular em Psicologia Clínica desta instituição inclui entrevista inicial, complementada por uma anamnese. O processo de Triagem ainda é composto por uma entrevista lúdica com a criança e a realização de psicodiagnóstico, entrevistas devolutivas e elaboração de laudo psicológico.

Procedimentos

Foi realizado um levantamento dos prontuários e roteiros das triagens infantis a fim de coletar as informações referentes à caracterização da população infantil atendida e suas famílias, bem como os dados referentes à sexualidade infantil extraídos da anamnese, os quais englobaram: a) curiosidades sexuais infantis relatadas pelos pais ou responsáveis; b) registro de ocorrência de educação sexual de seus filhos; c) reconhecimento por parte dos pais/responsáveis sobre a masturbação infantil; d) relato sobre o comportamento de a criança dormir com os pais/responsáveis; e e) relato de ocorrência de comportamentos de intimidade sexual dos pais/responsáveis quando a criança apresentasse o comportamento de dormir com os pais. Tais informações foram organizadas em planilhas para posterior análise estatística descritiva de frequência e porcentagem, através do programa estatístico SPSS versão 15.0. A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI e foi aprovada sob o parecer N° 499/11.

Resultados

A caracterização da amostra, através da distribuição por sexo dos usuários dos serviços de triagem infantil apontou que dos 111 prontuários analisados, ocorreu um predomínio de meninos (61,26%) seguido por (38,74%) de meninas. Um estudo realizado por Ancona-Lopez (1984) já indicava que a clientela infantil masculina era identificada com maior frequência nos encaminhamentos às clínicas de Psicologia devido à tendência aos comportamentos externalizantes observados no gênero masculino. Tais dados também foram verificados em estudos posteriores como os de Romaro e Capitão (2003), Cunha e Benetti (2009) e Delvan, Portes, Cunha, Menezes e Legal (2010).

A idade das crianças foi calculada a partir da data de nascimento e com base na data de triagem, considerando os anos completos. Observou-se maior concentração de crianças entre 6 e 8 anos, ou seja, no início da vida escolar e entre 10 e 11 anos, na pré-adolescência. Segundo Campezzatto e Nunes (2007) as crianças tendem a enfrentar problemas de diversas origens nos primeiros anos escolares, por motivos tanto externos como internos, capazes de dificultar o processo de aprendizagem e se estabelecerem como barreiras à integração. Camara e Cruz (1999) afirmam ainda que a adolescência é um período de transformações significativas, sendo que nem todos os pais e adolescentes conseguem lidar com os aspectos que se modificam, buscando auxílio através de serviços de psicologia.

A distribuição da renda familiar conforme dados coletados com os pais ou responsáveis, indicou maior frequência entre as variáveis que referiam até 2 salários mínimos (22,52%) e até três salários mínimos (30,63%). Desta forma é possível observar que a maior frequência das famílias atendidas constitui-se como população de baixa renda. Tal fato vem ao encontro do que citam Campezzatto e Nunes (2007) a respeito das clínicas-escolas serem destinadas ao atendimento de uma clientela menos favorecida economicamente. Contudo, é possível notar que alguns usuários destes serviços também pertencem a extratos sócio-econômicos mais privilegiados, sendo que o percentual de sujeitos diminuiu significativamente à medida que a renda aumentava.

A composição familiar das crianças atendidas em triagem revelou que (42,34%) das crianças residiam com os pais ou com os pais e irmãos e (31,54%) residiam com os pais e outros familiares, como avós, tios, primos, entre outros. Já em relação ao estado civil dos pais ou responsáveis, os dados apontam que (42,34%) dos pais ou responsáveis legais das crianças se declararam casados e (33,33%) como separados ou divorciados. Estudos realizados por Melo e Perfeito (2006) e Cunha e Benetti (2009), também referiram predomínio das famílias nucleares, seguidas por famílias reorganizadas na caracterização familiar de triagens infantis realizadas em clínicas-escolas de Psicologia.

Os dados referentes à escolaridade dos pais e das crianças indicaram que tanto pais (24,31%) como mães (36,03%) apresentaram maior frequência na variável Ensino Médio Completo. Já para crianças o índice foi maior na variável até a pré-escola/1º ano, com (21,62%), seguido de 1ª série/2º ano, e 3ª série/4º ano, com (14,41%) cada.

Os dados relacionados às queixas que originaram as triagens foram agrupados em categorias segundo o modelo de Cunha e Benetti (2009): Motivos relacionados à escola; Motivos relacionados a problemas afetivos e de comportamento; Problemas somáticos; e Outros: dificuldades familiares, dificuldades relacionadas à sexualidade e distúrbios psiquiátricos. Este agrupamento em categorias favoreceu a análise de dados devido à baixa

frequência de algumas queixas. As categorias utilizadas no presente estudo foram: Problemas de Origem Comportamental (Problemas de conduta, dificuldades de relacionamento), observadas em (65,77%) das triagens; Problemas Emocionais (Transtornos emocionais) presentes em (25,23%); Problemas Escolares (Problemas de aprendizagem, dificuldades cognitivas e no ambiente escolar) identificadas em (22,52%); e Problemas Somáticos (Manifestações associadas a distúrbios somáticos) referentes a (11,71%) das queixas. Observou-se que algumas triagens apresentaram mais de uma queixa. Tais dados podem ser verificados também em outras pesquisas realizadas em clínicas-escolas de Psicologia, referentes às queixas ou motivos que originaram a consulta de crianças e adolescentes (Cunha & Benetti, 2009; Romaro & Capitão, 2003; Villwock et al., 2007).

Os diagnósticos iniciais, elaborados de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV-TR (American Psychiatric Association, 2002) indicaram maior concentração nas seguintes categorias diagnósticas: V61.20 - Problemas de Relacionamento pai/mãe - criança, em (53,15%) das triagens; 314.00 e 314.01 - Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade em (10,81%) e 313.81 - Transtorno Desafiador de Oposição em (9,91%). Ao todo, nas 111 triagens pesquisadas foram constatadas 42 classificações diagnósticas diferentes, sendo que em 11 delas não havia diagnóstico definido, o que equivale a (9,91%).

Em relação ao aspecto principal da presente pesquisa, referente à perspectiva parental sobre o desenvolvimento sexual infantil, observou-se que (52,25%) das triagens indicaram que segundo os pais ou responsáveis, as crianças apresentaram curiosidade sexual. Já em (27,03%) das triagens, observou-se a indicação de que as crianças não apresentaram curiosidade, e em (20,72%) das triagens, tais dados não foram investigados.

No que tange às curiosidades apresentadas pelas crianças, evidenciou-se a presença de relatos sobre as diferenças sexuais anatômicas, abrangendo (24,45%) das triagens, seguida pelas curiosidades sobre o nascimento dos bebês com (18,9%), curiosidades sobre o preservativo (camisinha) em (8,89%), sobre o namoro (5,55%), sobre o ato sexual, masturbação e cenas de TV (4,44%) e em (2,22%) das triagens, os pais ou responsáveis atribuíram a curiosidade sexual ao fato da criança falar palavrão. Em (26,67%) das triagens esse aspecto não foi investigado. Cabe pontuar que esses dados foram analisados de acordo com as respostas fornecidas pelos pais ou responsáveis pela criança e registradas nos prontuários, sendo que para alguns respondentes, as crianças não apresentaram curiosidade sexual e para outros, a criança apresentou mais de uma curiosidade em relação à sexualidade.

Na variável que abordou as atitudes diante das curiosidades das crianças, observou-se que em (44,15%) das triagens, os pais ou responsáveis referiram que tentam explicar; (9,1%) relataram que não explicam; (6,5%) afirmam que repreendem a criança; (5,19%) indicaram que não sabem como explicar ou dizem somente o que julgam necessário para a idade da criança e em (29,87%) das triagens realizadas não foi investigado esse assunto.

Já no aspecto referente às evidências de realização de educação sexual com as crianças, verificou-se que em (37,5%) dos casos esta não foi realizada, sendo que em (23,22%) das triagens, constatou-se que é a família quem realiza esta educação. Em (14,28%) das triagens observou-se que a escola foi apontada como responsável pela educação sexual das crianças e, por fim, em (25%) das triagens analisadas esse assunto não foi investigado.

Em relação ao comportamento de masturbação presente no desenvolvimento infantil, observou-se que em (35,58%) das triagens os pais ou responsáveis não a reconheceram como parte da manifestação da sexualidade na infância. Em (25,96%) das triagens constatou-se o reconhecimento da masturbação na sexualidade infantil, sendo que em (2,88%), os pais ou responsáveis não souberam responder a esse assunto. Em (35,58%) das triagens, não ocorreu investigação desta temática.

Referente ao comportamento da criança dormir com os pais ou responsáveis verificou-se que em (40,74%) das triagens, havia referência de que a criança dormia em quarto separado dos pais. Em (22,22%) das triagens havia relatos de que a criança dormia no mesmo quarto dos pais, sendo que em (8,33%) havia indicação de que a criança dormia apenas com a mãe e em (0,93%) das triagens foi observado que a criança dormia com o pai. Em (27,78%) das triagens esse aspecto não foi investigado.

Por fim, no quesito relacionado à ocorrência de intimidade sexual dos pais ou responsáveis quando a criança dormia no mesmo quarto que o casal, constatou-se que em (46,23%) das triagens esse aspecto não foi investigado; em (23,58%) dos prontuários havia relatos dos respondentes de que a criança observava os pais namorando (abraços e beijos); em (18,87%) das triagens houve referência de que esse comportamento não ocorria na presença das crianças, e em (11,32%) dos registros foi apontada a ocorrência de relações sexuais dos pais ou responsáveis quando a criança dormia no mesmo cômodo.

Discussão

Os pais ou responsáveis demonstram não se sentir preparados para abordar a questão da sexualidade infantil, referindo poucas informações sobre as formas de manifestação da sexualidade na infância, não a compreendendo de um modo amplo, e não sabendo como proceder diante de indagações das crianças. Vale ressaltar que o tema sexualidade é cercado por tabus, ainda mais quando o assunto se refere a essa manifestação na infância. Entende-se que a sexualidade infantil é uma questão pouco investigada no contexto dos estudos da sexualidade humana, o que aponta para a escassez de estudos científicos abordando esta realidade (Velho, 2008).

Na presente pesquisa, observou-se que os pais ou responsáveis perceberam que as crianças apresentaram curiosidades sexuais, embora alguns tenham considerado as manifestações só por meio de perguntas, ou outros tenham a concepção de que a criança ainda não despertou para esse assunto, como é possível observar nos registros das triagens a seguir:

“Ela [criança] é muito inocente, nunca fez uma pergunta que colocasse a gente na parede” (Pai/Mãe/Responsável de menina de 7 anos, Triagem N°12).

“Não pergunta sobre o assunto de sexualidade, ela [criança] ainda não despertou para essas coisas” (Pai/Mãe/Responsável de menina de 10 anos, Triagem N°81).

Mediante as falas citadas, ressalta-se a importância de se compreender as fases de desenvolvimento em que as crianças se encontram. Em uma pesquisa sobre a concepção dos pais em relação ao desenvolvimento infantil de crianças entre 2 e 5 anos, realizada por Souza e Bittencourt (2011) em uma cidade do sul do Brasil, foi verificado que a maioria dos pais reconhecem que os filhos apresentam manifestações da sexualidade, mas associam a mesma às curiosidades em relação ao corpo, não considerando-as como curiosidades sexuais. Tais dados indicaram que os pais percebem a sexualidade somente

como vida sexual e reprodutiva, alegando falta de preparo para suprir as dúvidas apresentadas pelas crianças. Estes aspectos também foram observados nos registros das triagens da instituição pesquisada:

“[...] esse não é assunto para sua idade” (Pai/Mãe/Responsável de menina de 11 anos, Triagem nº 103).

“[...] Sinto-me preocupada sem saber o que fazer, com vergonha” (Pai/Mãe/Responsável de menino, 10 anos, Triagem nº106).

Como foi destacado acima, pode-se cogitar que muitos pais preferem se omitir a falar sobre a sexualidade, pois, mostram-se constrangidos aos serem indagados sobre essa temática. Isto decorre, talvez, do despreparo para responder às perguntas que surgem durante o desenvolvimento das crianças (Advíncula, 2009).

Outro ponto relevante no estudo se refere à grande frequência de registros de que os pais ou responsáveis tentaram esclarecer as curiosidades sexuais apresentadas pelas crianças. Contudo, observou-se que as indagações infantis mais citadas foram relativas às diferenças sexuais anatômicas, seguidas por perguntas sobre a concepção dos bebês, como se observa a seguir:

“Respondi o que era feminino e masculino, mostrando no dicionário” (Pai/Mãe/Responsável de menino, 10 anos, Triagem nº 86).

“Porque o pipi do mano é maior do que o dele?” (Pai/Mãe/Responsável de menino, 6 anos, Triagem nº 88).

“Quer saber de onde vêm os bebês, saber o que é e como é sexo?... tento explicar” (Pai/Mãe/Responsável de menino, 8 anos, triagem nº71).

Mediante estes dados, Silva (2007) pontua que as crianças apresentam uma curiosidade natural em relação a sua origem, manifestando inclusive dificuldades emocionais pelo fato de não terem essas questões respondidas adequadamente. Isso se deve aos preconceitos dos pais e educadores, que influenciam no modo de lidar adequadamente com essas curiosidades apresentadas pelas crianças. A explicação de forma objetiva e adequada ao nível de desenvolvimento da criança favorece a eliminação de equívocos sobre a sexualidade, estimulando-a para que não perca o desejo de aprender (Saito & Leal, 2000).

A variável que investigava a realização de educação sexual com as crianças triadas indicou que em (37,5%) dos registros, os pais ou responsáveis não citaram a realização da mesma, ou seja, a grande maioria das crianças não recebeu nenhum tipo de educação sexual. Vale reforçar que muitos pais e professores não se sentem preparados para trabalhar esse tema, seja por falta de informações, constrangimento, ou até mesmo pela forma que foram educados e por suas experiências de vida.

Ainda que as manifestações da sexualidade dos filhos gerem muita ansiedade nos pais, é fundamental que estes reconheçam as fases da sexualidade por que passam as crianças. Isto facilita a aceitação e possibilita que, com o domínio desses conhecimentos, possam agir mais naturalmente frente às curiosidades e às manifestações sexuais, permitindo dessa forma uma educação sexual adequada à criança (Ferreira & Baldini, 1995).

Nesse sentido é necessário, primeiramente, ver a criança como um ser sexuado, desmistificando a sexualidade como sinônima de sexo ou atividade sexual, compreendendo-a como uma parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade do sujeito (Saito & Leal, 2000). É fundamental deixar que a criança perceba que existe uma abertura para o diálogo, sendo a família a estrutura social mais apropriada para o exercício da educação em geral, e principalmente da educação sexual (Vitiello & Conceição, 1993).

Com relação ao reconhecimento da masturbação no desenvolvimento da sexualidade infantil, os dados apontam que em (35,58%) das triagens esse aspecto não foi reconhecido pelos pais ou responsáveis, sendo que em (25,96%) dos registros houve a referência de que ocorreu o reconhecimento da masturbação infantil. Um aspecto a ser observado neste tópico está relacionado ao modo como os pais ou responsáveis relataram que lidam com este comportamento quando ele é manifestado pela criança, principalmente através da repressão, conforme ilustram os trechos abaixo:

“[...] esse não é um comportamento de uma pessoa que louva a Deus” (Pai/Mãe/Responsável de menina, 8 anos, Triagem nº3).

“[...] deixa o pintinho dormir” (Pai/Mãe/Responsável de menino 4, anos, Triagem nº22).

“[...] tira a mão suja daí, seu porco” (Pai/Mãe/Responsável de menino, 10 anos, Triagem nº44).

“[...] agi com ignorância, gritando e colocando de castigo” (Pai/Mãe/Responsável de menino, 8 anos, Triagem 71).

Cabe referir que o ato da masturbação é autoerótico, ou seja, é um prazer que pode ser obtido sozinho. Pode-se mencionar que a sucção do dedo, o “cheirinho” e a chupeta também possibilitam sensações agradáveis, que podem ser acompanhadas por fantasias que proporcionam conforto e também o bem estar para a criança. No entanto, para a maioria dos pais, a masturbação não é reconhecida como evento natural que favorece a descoberta do próprio corpo e a busca de prazer durante o desenvolvimento infantil (Silva, 2007).

No que se refere ao comportamento da criança dormir com os pais, constatou-se que em (40,74%) das triagens houve a indicação de que a criança dormia em quarto separado dos pais, seguido por (22,22%) dos registros que referiam que a criança dormia no mesmo quarto dos pais. Cecconello, Krum e Koller (2000) ao estudarem os fatores de risco e proteção na relação mãe-criança observaram que dormir em quarto separado dos pais representa um aspecto importante no relacionamento pais-criança, já que indica o estabelecimento de limites e do papel de cada um na família, sendo considerado um fator de proteção.

Segundo os relatos de alguns pais ou responsáveis, ao ser mencionada a ocorrência de relações sexuais do casal quando a criança dormia no mesmo cômodo, estes referiram que a intimidade sexual ocorria apenas após a criança dormir, indicando a crença de que o(a) filho(a) não presenciava o ato sexual. Arpini e Santos (2007) mencionam que o fato da criança dormir com os pais, poderá acarretar em uma estimulação precoce à sexualidade, sendo que a criança, neste contexto, tem a possibilidade de escutar ou ver a relação sexual dos adultos e a partir disto formar conclusões que influenciem negativamente no seu desenvolvimento. Os pais muitas vezes desconhecem que o(a)

filho(a) presencia o ato sexual, por acreditarem que a criança ainda é muito pequena ou não entende o que está ocorrendo.

Considerações finais

A sexualidade na infância, percebida pelo viés da sexualidade do adulto tem se mostrado como um dos maiores entraves na educação sexual de crianças. Nesse sentido, talvez a sexualidade infantil pudesse ser pensada numa perspectiva de educação para a saúde, já que a mesma é fundamental no desenvolvimento humano. Desse modo, integrar-se-ia em uma esfera educacional valorizada pelo aspecto afetivo e não apenas pela função meramente informativa.

Com base nos resultados deste estudo reafirma-se a importância dos pais ou responsáveis terem conhecimentos sobre as etapas do desenvolvimento sexual infantil, bem como a necessidade de desenvolver este tema na graduação dos cursos de Psicologia, sendo verificado nas triagens pesquisadas, que um alto índice de questões que abordavam esse assunto não foram devidamente investigadas no transcorrer dos atendimentos realizados pelos acadêmicos.

Este fato remete a algumas hipóteses que podem ter contribuído para que esse assunto não tenha sido devidamente explorado na realização das triagens. Entre elas é possível citar a falta de conhecimento teórico por parte dos estudantes, a falta de preparo técnico, ou até mesmo o constrangimento ao realizar as indagações sobre o respectivo assunto com os pais ou responsáveis, demonstrando talvez que a sexualidade não seja tabu apenas para os usuários dos serviços de psicologia.

Dessa forma, ressalta-se a necessidade de se oportunizar na graduação de Psicologia, a disciplina de Psicologia da Sexualidade anteriormente ao início dos estágios em Psicologia Clínica. Assim talvez fosse possível proporcionar um maior domínio sobre o tema, bem como a reflexão de que a sexualidade infantil é um aspecto do desenvolvimento que merece ser investigado e compreendido de forma ampla e abrangente.

Por fim, avigora-se a urgência de orientação e informações que subsidiem as práticas educativas parentais, de modo a ampliar a perspectiva dos pais ou responsáveis em relação à sexualidade de seus filhos, desmistificando tabus e crendices que envolvem esse assunto e possibilitando influências mais positivas no desenvolvimento infantil.

Referências

- Advíncula, C. C. B. (2009). Representação da sexualidade infantil: uma análise comparativa entre famílias das crianças de duas escolas de educação infantil. II Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: Culturas, leituras e representações. João Pessoa. Recuperado em 20 de dezembro de 2012, em <http://itaporanga.net/genero/gt7/15.pdf>
- American Psychiatric Association (APA) (2002). DSM-IV-TR: Manual estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed.

- Arpini, M. D., & Santos, B. R. (2007). Programa da criança: Espaço de promoção de saúde e fortalecimento dos vínculos. *Psicologia Argumento*, 25(49), 155-164.
- Ancona-Lopez, M. (1984). Características da clientela de clínicas escola de Psicologia em São Paulo. In R. M. Macedo (Org.). *Psicologia e instituição: Novas formas de atendimento*, (pp.24-46). São Paulo: Cortez.
- Camara, M. M., & Cruz, A. R. (1999). Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar. *Educação em Revista*, Curitiba, 15.
- Campezatto, P. V. M., & Nunes, M. L. T. (2007). Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de Psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 366-378.
- Cecconello, A. M., Krum, F. M. B., & Koller, S. H. (2000). Indicadores de risco e proteção no relacionamento mãe-criança e representação mental da relação de apego. *Psico*, 32(2), 81-122.
- Costa, A. J. L. L. (2006). A educação sexual numa perspectiva de educação para a saúde: Um estudo exploratório na escola secundária pluricurricular de Santa Maria Maior de Viana do Castelo. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade do Minho, Portugal. Recuperado em 20 de dezembro de 2012, em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6284/3/DISSERTA%C3%87%C3%830%20de%20Mestrado.pdf>
- Cunha, T. R. S., & Benetti, S. P. C. (2009) Caracterização da clientela infantil numa clínica-escola de psicologia. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, 59(130).
- Delvan, J. S., Portes, J. R. M., Cunha, M. P., Menezes, M., & Legal, E. J. (2010). Crianças que utilizam os serviços de saúde mental: caracterização da população em uma cidade do sul do Brasil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, 20(2).
- Dolto, F. (1988). *Psicanálise e Pediatria* (4ª ed.) (Álvaro Cabral Trad.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara S. A., 264 p. (Originalmente publicado em 1971).
- Ferreira, A. de M., & Baldini, S. M. (1995). Falando sobre sexualidade com nossos filhos. *Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, 3(2), 20-22.
- Freud, S. (1997). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (Paulo Dias Corrêa trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Melo, S. A., & Perfeito, H. C. C. S. (2006). Características da população infantil atendida em triagem no período de 2000 a 2002 numa clínica-escola. *Estudos de Psicologia*, 23, 239-249.
- Romaro, R. A., & Capitão, C. G. (2003). Caracterização da clientela da clínica-escola de Psicologia da Universidade de São Francisco. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5(1), 111-121.

- Saito, M. I., & Leal, M. M. (2000). Educação sexual na escola. Instituto da Criança do Hospital das Clínicas e Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. (USP). Recuperado em 20 de dezembro de 2012, em: <http://www.pediatrasiapaulo.usp.br/upload/pdf/451.pdf>
- Silva, M. C. P. (2007). Sexualidade começa na infância. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, M. D., & Bittencourt, P. R. (2011). Pais de crianças com idade entre 2 e 5 anos: Concepções sobre o desenvolvimento infantil e práticas educativas. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí.
- Velho, F. de S. J. B. (2008). Evolução das crenças afetivos sexuais na infância e fatores cognitivos, sociais e familiares associados. Tese de Doutorado não publicada, Universidade de Salamanca, Salamanca, Espanha. Recuperado em 20 de dezembro de 2012, em: <http://hdl.handle.net/10366/22535>
- Villwock, C., Coelho, E., Predebon, J., Mansur, M. A., Hoppe, M., Fronckowiak, C. et al. (2007). Perfil sócio-demográfico e principais queixas dos pacientes encaminhados à clínica escola do serviço de atendimento psicológico. Anais do Seminário Intermunicipal de Pesquisa, CESAP/ULBRA Guaíba, 24 p. Recuperado em 20 de dezembro de 2012, em: <http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2007/artigos/psicologia/250.pdf>
- Vitiello, V., & Conceição, I. S. C. (1993). Manifestações da sexualidade nas diferentes fases da vida: Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 4(1).
- Zornig, S. M. A. J. (2008). As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. Psicologia em Estudo, Maringá, 13(1), 73-77.

Recebido/received: 06/07/2015
Aprovado / Approved: 24/09/2015